

# QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: CONTRIBUIÇÕES DOS PROGRAMAS DE SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO

Patrícia Vieira Dos Santos<sup>1</sup>

Paulo Eduardo Silva Martins<sup>2</sup>

---

1. Engenheira Ambiental, Técnica em segurança do trabalho e pós-graduanda em engenharia de Segurança no Trabalho pela Universidade Tiradentes. E-mail: patricia.vieirasantos@yahoo.com.br

2. Doutor em Ciência do Solo (UNESP), Mestre em Ciência do Solo (UNESP, 2011), Especialista em Gestão e Manejo Ambiental na Agroindústria (UFPA, 2010), Graduado em Engenharia Ambiental (UNIT, 2008), é Professor Titular da Universidade Tiradentes e Coordenador do Curso de Engenharia Civil da mesma. É também Sócio-proprietário da Expert Soluções Especializadas em Engenharia.

## RESUMO

O presente estudo traz uma análise bibliográfica narrativa acerca das contribuições dos Programas de Saúde e Segurança no Trabalho como estratégia para melhoria da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT). Para tanto, o estudo partiu de uma análise bibliográfica a partir da visão de alguns teóricos que debatem as consequências das doenças ocupacionais e a intervenção das ações de QVT na minimização dos acidentes de trabalho e doenças ocupacionais. O estudo também traz uma reflexão acerca da reestruturação do trabalho que ocasionou uma série de mudanças na vida do trabalho que acabaram por comprometer a sua saúde, a qualidade de vida deste e a produtividade, tais como: sobrecarga de trabalho, maquinário e equipamentos ergonomicamente incorretos, estresse, má postura, fadiga, monotonia, entre outros. O estudo revelou que as ações de QVT visam minimizar as doenças ocupacionais, por meio da adaptação do trabalhador ao seu posto de trabalho, não somente no que diz respeito a homem-máquina, mas também envolvendo situações pertinentes ao ambiente físico, controle e produção de resultados.

## PALAVRAS-CHAVE

Qualidade de Vida no Trabalho. Saúde. Segurança do Trabalho.

## ABSTRACT

This study presents a literature narrative review about the contributions of Health Programs and Safety at Work as a strategy for improving the Quality of Life at Work (QVT). Thereunto, the study was based on a literature analysis from the view of some theoretical that debating the consequences of occupational diseases and the intervention of QVT actions for reducing accidents at work and occupational diseases. The study also offers a reflection about the work restructuring which resulted into a series of changes in work life that compromising their health, worker quality of life and productivity, such as: work overload, machinery and equipment ergonomically incorrect, stress, incorrect posture, fatigue, monotony and others. The study revealed that the QVT actions aim to mitigate the occupational diseases, by adapting the worker to his job, not only with regard to man-machine but also involving relevant situations to the physical environment, control and results production.

## KEYWORDS

Quality of Life at Work. Health. WorkSafety.

## 1 INTRODUÇÃO

Diversas áreas profissionais são propiciadoras de doenças ocupacionais, principalmente aquelas em que as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores os expõem a agentes ambientais, físicos, químicos, biológicos e ergonômicos, além do limite tolerável pela legislação brasileira (MORAES, 2010).

Os fatores como excessos na jornada de trabalho, o desrespeito a fatores ergonômicos, antropométricos, má postura, estresse e fatores psicológicos formam um conjunto nocivo em diversas atividades profissionais. Além disso, as condições negativas do trabalho e a cobrança pela produtividade tornam o trabalho cada vez mais estressante e insensível às condições humanas, o que compromete significativamente a segurança, a saúde e a qualidade de vida do trabalhador durante os processos de trabalho (DEJOURS, 2012).

As pesquisas revelam índices elevados de acidentes e doenças do trabalho, por isso eles constituem uma séria e preocupante realidade nas empresas (NERI, 2009; ALMEIDA ET AL., 2010). O mais preocupante é que, nem sempre, os trabalhadores estão atentos à sintomatologia dos agentes e os riscos que, podem gerar distúrbios psicológicos, fisiológicos e provocar sérios danos a sua saúde, porque produzem alterações no organismo e estado emocional, comprometendo sua produtividade, saúde e segurança.

As estatísticas indicam que cresce o número de trabalhadores com doenças ocupacionais, e isto tem despertado a atenção de pesquisadores preocupados com questões relativas à saúde e ao trabalho devido ao custo e o impacto na qualidade de vida dos trabalhadores, aspectos que devem ser analisados constantemente por todos aqueles que se preocupam com a saúde e a segurança dos trabalhadores (COUTINHO; MAXIMIANO, 2010).

Em virtude dessa realidade, muitas empresas, o legislador começou a se preocupar com a segurança no trabalho pautada na minimização dos acidentes no trabalho e doenças ocupacionais, como a implementação de leis visando à segurança no ambiente laboral.

A partir daí, a saúde do trabalhador passou a extrapolar a dimensão biológica e individual, tornando possível situá-la no âmbito da organização social, criando vínculo com o processo dinâmico, histórico e social à conformação das diferentes políticas organizacionais.

Atualmente, as pesquisas na área de segurança no trabalho mostram uma preocupação com a questão dos danos causados pelos riscos ocupacionais aos trabalhadores advindos das inovações tecnológicas e organizacionais que trouxeram mudanças exponenciais para o ambiente laboral, como também a nova relação homem-máquina que expõe o trabalhador a riscos à sua saúde que comprometem sua qualidade de vida.

Os aspectos descritos motivaram a realização de estudo de revisão literária narrativa sobre

o tema, bem como a experiência profissional da pesquisadora que observa que, apesar dos avanços tecnológicos terem contribuído para melhorar a vida de trabalhadores em vários postos profissionais, ainda é possível encontrar ambientes altamente potenciador de doenças ocupacionais, afetando significativamente a qualidade de vida no ambiente profissional. Assim, a escolha do presente tema deveu-se ao entendimento de que a qualidade de vida é um fator essencial para o sucesso de toda e qualquer atividade profissional.

Este estudo objetiva verificar, na literatura científica, a aplicação das ações de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) para a efetividade de um ambiente profissional mais saudável e seguro. São objetivos específicos: estudar a segurança no trabalho, analisando a relação existente entre a saúde e a qualidade de vida no trabalho; descrever os fatores que interferem na qualidade de vida do trabalhador; e analisar a aplicação das ações de QVT na melhoria da qualidade de vida no trabalho, por meio das contribuições dos programas de saúde e segurança no trabalho.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste item são discutidos alguns temas que norteiam o debate acerca da qualidade de vida no trabalho, tais como: segurança no trabalho, qualidade de vida no trabalho e ações de QVT como estratégia de segurança no trabalho; por meio da exposição do pensamento de autores, organizando diversas opiniões, em diferentes contextos, antepondo-as logicamente, quando antagônicas, e harmonizando-as quando na mesma direção.

### 2.1 A SEGURANÇA NO TRABALHO

Atualmente, sabe-se da importância das medidas de segurança no trabalho, todavia essa compreensão só foi possível depois de muitas lutas e de movimentos trabalhistas reivindicatórios na Revolução Industrial.

O trabalho, antes da Revolução Industrial, era considerado degradante e reservado apenas às clas-

ses mais baixas. Com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra, deu-se o primeiro impulso às reivindicações acerca das condições de trabalho, já que a Revolução Industrial transformou totalmente as relações de trabalho existentes (OLIVEIRA, 2010).

De acordo com Couto (2010, p. 23):

Em 1802 o Parlamento Inglês aprovou, a 'Lei de Saúde e Moral dos Aprendizes', que estabeleceu o limite de 12 horas de trabalho por dia, proibiu o trabalho noturno e introduziu medidas de higiene e segurança nas fábricas. O não cumprimento desta Lei, obrigou o Parlamento Britânico a criar, em 1833, a 'Lei das Fábricas', que estabeleceu a inspeção das fábricas, instituiu a idade mínima de 9 anos para o trabalho, proibiu o trabalho noturno aos menores de 18 anos e limitou a jornada de trabalho para 12 horas diárias e 69 horas por semana.

A partir desse momento passou a surgir uma preocupação com a proteção do trabalhador. Por essa razão, alguns procedimentos foram tomados, visando à garantia da proteção do trabalhador com relação à infortunística laboral. Completa Couto (2005), essa preocupação tomou as primeiras adjacências, por meio do surgimento de comissões que aprofundaram os estudos acerca da importância da saúde e segurança do trabalhador.

Foi com a 2ª Grande Guerra que novas demandas foram surgindo, em virtude das condições ambientais e do cenário tenso que produziram um ambiente desfavorável ao trabalhador e, por isso, houve a necessidade da redução do nível de tensão destes e da diminuição dos riscos de acidentes de trabalho (COUTO, 2010).

No pós-guerra surgiu, na Inglaterra, o *Ergonomics Research Society*, pesquisadores preocupados com a segurança no trabalho, e assim passou-se a empreender debates e divulgar novas estratégias de redução de acidentes de trabalho (IIDA, 2011). A este cenário, acrescenta-se o fato de que:

[...] o trabalhador não dispôr de amparo legal para sua proteção. Mudança qualitativa nessa situação foi o surgimento da Organização Interna-

cional do Trabalho (OIT), em 1919, com o advento do Tratado de Versalhes, objetivando uniformizar as questões trabalhistas, a superação das condições subumanas do trabalho e o desenvolvimento econômico, adotam seis convenções destinadas à proteção da saúde e à integridade física dos trabalhadores. (COUTO, 2010, p. 29).

Mais tarde, foram implementadas normas jurídicas que contribuiriam para o reconhecimento dos direitos dos trabalhadores que ampliaram os limites da tutela jurisprudencial do Estado, no sentido de buscar o equilíbrio da relação de emprego e proteger o trabalhador. Nesse cenário, a segurança do trabalho evoluiu e, juntamente com esse desenvolvimento, foram consagradas novas gerações de direitos, que puderam ser considerados como verdadeiros instrumentos de defesa contra as agressões à saúde e segurança dos trabalhadores (OLIVEIRA, 2010).

Contemporaneamente, os processos produtivos trouxeram sérias consequências para a qualidade de vida do trabalhador, como também prejuízos para as empresas, por essa razão a importância de se desenvolver uma política de segurança nas empresas.

Partindo do pressuposto de que as condições negativas atuais do trabalho, a cobrança da produtividade, a busca de uma qualidade incessante tornam o trabalho cada vez mais estressante e perigoso às condições humanas, comprometendo significativamente a segurança e saúde do trabalhador durante os processos de trabalho.

Para Dejourns (2012), muitas doenças ocupacionais têm ascendência na mecanização e robotização das tarefas, nas pressões e imposições da organização do trabalho, na adaptação à cultura organizacional e pela reprovação e falta de cooperação no ambiente laboral.

A maior parte dos riscos ocupacionais é influenciada por uma combinação de fatores ambientais, físicos, químicos, biológicos e ergonômicos que afetam trabalhadores de todas as idades, causando mortes ou sequelas permanentes ao trabalhador.

Spector (2010) descreve algumas situações no trabalho que podem ocasionar uma série de problemas para o trabalhador, conforme demonstra o quadro:

**Quadro 1 – Exemplos de desgaste no trabalho em cada uma de suas três categorias**

DESGASTE NO TRABALHO	EXEMPLOS DE CONSEQUÊNCIAS ESPECÍFICAS
Reações Psicológicas	Raiva, ansiedade, frustração, insatisfação no trabalho
Reações Físicas	Tontura, dor de cabeça, taquicardia, problemas estomacais, câncer, doenças do coração.
Reações comportamentais	Acidentes, fumo, uso de substâncias químicas, rotatividade.

Fonte: Spector (2010, p. 432).

No aspecto acidente, as reações comportamentais, aliadas às condições de trabalho são causadoras de acidentes de trabalho, que por sua vez traz sérios prejuízos tanto ao desempenho profissional do trabalhador quanto as perdas econômicas para o empregador.

Para discutir as consequências do processo de trabalho sobre a saúde do trabalhador, Chiavenato (2013) utiliza a distinção entre condições de trabalho e organização de trabalho.

As condições do trabalho equivalem à temperatura, poeiras, ruídos, ou seja, às condições físicas, químicas e biológicas do ambiente de trabalho. Já a organização do trabalho diz respeito à divisão técnica e social do trabalho, ou seja, à hierarquia interna dos trabalhadores, ao controle por parte da empresa do ritmo e pausa do trabalho e entre outros. Portanto, as condições do trabalho repercutem sobre as condições físicas do trabalhador enquanto que a organização do trabalho repercute sobre a saúde mental do trabalhador. Salienta-se que os riscos variam de acordo com a inserção nos diferentes processos de trabalho. (CHIAVENATO, 2013, p. 67).

Quanto aos riscos ergonômicos e de acidentes, Zarpelon, Dantas e Leme (2008) enfatizam que estes, de forma direta ou indireta contribuem a curto, médio e longo prazo para as causas de acidentes e doenças profissionais ou do trabalho, podendo gerar lesões e reduzir a capacidade laboral do trabalhador.

Diversos autores vêm discutindo estratégias para reduzir os acidentes de trabalhos e doenças ocupacionais, visando proporcionar o desenvolvimento de uma nova visão da segurança e saúde ocupacional civil, por meio de uma abordagem sistêmica, que possa ser utilizada por profissionais da área (ZARPELON; DANTAS; LEME, 2008).

Atualmente se fala muito em qualidade de vida no trabalho, mas não basta apenas se deter na qualidade de material empregado e no produto final obtido, deve-se levar em conta, também a qualidade da segurança e da saúde ocupacional dos trabalhadores direta e indiretamente envolvidos no processo (CRUZ, 2012).

Alguns autores renomados na área, como, Palladini (2010) e Gerson (2010), vêm mostrando que a qualidade é o diferencial de uma empresa para outra, já que um empreendimento bem gerenciado, organizado e seguro garante melhor produtividade e bem-estar aos seus colaboradores.

Todavia, não basta ter equipamentos de última geração, preços competitivos, tecnologia de ponta, para obter os resultados esperados. O envolvimento dos trabalhadores nesse processo, que prevê um comprometimento e um gerenciamento mais eficaz do começo ao fim de cada negócio, é fator decisivo (GERSON, 2010).

Portanto, a qualidade na segurança do trabalhador é de fundamental importância, já que a falta de um projeto que gere a saúde e segurança compromete a produtividade, a qualidade, os custos, os prazos de entrega, a confiança dos clientes e o próprio ambiente de trabalho.

## 2.2. QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

Nas últimas décadas houve diversas interrogações sobre o bem estar do trabalhador em seu local profissional. Alguns estudiosos concebem o duplo caráter do trabalho humano, como meio e como finalidade em si. O trabalho gera recursos necessários para o indivíduo ter uma vida digna e, como fim, socializa o homem, coloca-o em frente do outro e, conseqüentemente, perante de si (CRUZ, 2012).

Essa concepção descrita revela a necessidade de observação da qualidade de vida no trabalho, o gerenciamento dos processos organizacionais, como também os fatores tecnológicos, psicológicos e socioculturais que afetam os costumes e restaura o ambiente organizacional (ALMEIDA ET AL., 2010).

Frente às inúmeras pesquisas na área de segurança e saúde do trabalhador, o número de doenças entre os profissionais é elevado, sendo este decorrente de uma série de fatores, tais como: a sobrecarga de atividades laborais, associadas às condições materiais de trabalho, relações ruins com os colegas e com o público atendente, os riscos ocupacionais a que estão expostos e ainda relativos à estrutura da instituição e das relações de trabalho que causam danos à saúde destes profissionais (ALMEIDA ET AL., 2010; CRUZ, 2012; MORAES, 2010).

Nesse contexto, modelo de qualidade vida no trabalho (QVT) ganhou destaque, principalmente, nos países desenvolvidos, que buscaram aprimorar os níveis de satisfação, motivação, enriquecimento do trabalho e das condições de vida em geral do empregado (COUTINHO; MAXIMIANO, 2010)

Mas, foi a partir da década de 1990, que novos desafios foram surgindo em virtude de amplas exigências do mercado profissional, como explica Nogueira (2002 APUD Limongi-França 2009), ao afirmar que:

[...] a nova realidade, sintetizada na figura do trabalhador hifenizado (trabalho-parcial, traba-

lho-temporário, trabalho-casual, trabalho-por-conta-própria, trabalho em casa etc.), em geral, vem acompanhada da precarização e da degradação das condições de trabalho e renda. Nesse contexto, inicialmente, os PQVT foram implantados para atender às áreas de ergonomia, medicina e segurança do trabalho e promoção de saúde. A saúde e a integridade do trabalhador passaram a ser consideradas como fatores de melhoria do desempenho e da produtividade da empresa. A imposição legal não desmerece o avanço alcançado. (NOGUEIRA, 2002 APUD LIMONGI-FRANÇA 2009, p. 177).

Mais tarde, surgiram outras visões sobre QVT que, inicialmente, abrangia o trabalho, o indivíduo e a organização; depois se acrescentou o bem-estar do trabalhador em suas dimensões biológica, psicológica e social. Sendo assim, as normas legais, preocupadas com a saúde do conjunto, privilegiaram o instrumento clínico-epidemiológico na abordagem da relação saúde/trabalhador, introduzindo a questão da participação dos trabalhadores e do controle social (CUNHA, 2010).

Cunha (2010, p. 32) enfatiza que a QVT está fundamentada na relação 'pessoa, tarefas e preparo, permitindo críticas do processo de trabalho, reestruturação da tarefa, com a finalidade de tornar a vida dos trabalhadores mais prazerosa e é abalizado na responsabilidade social e no argumento de humanização do trabalho".

Portanto, a QVT é de fundamental importância, pois a ausência de programas de QVT que gerencie a saúde e segurança poderá comprometer a produtividade, a qualidade dos serviços, a confiança dos clientes, o ambiente de trabalho, bem como aumentar os custos e prazos. Um ambiente inseguro e potencializador de doenças é capaz de desestabilizar o colaborador, podendo conduzi-lo a problemas mentais ou físicos. Todavia, quando existe uma luta contra ela, no sentido de enfrentamento dos riscos e pressões do trabalho,

o ambiente profissional pode ser transformado em um espaço seguro e satisfatório, promotor de qualidade de vida.

## 2.3 CONTRIBUIÇÕES DOS PROGRAMAS DE SAÚDE E SEGURANÇA NO TRABALHO

A abordagem saúde e qualidade de vida no trabalho (SQVT) vêm ganhando força, em virtude da ocorrência de acidentes de trabalho e as doenças ocupacionais tornarem-se comum, nos mais diversos tipos de atividades e situações laborais, exibindo comprometimento alterado, por isso exigindo, identificação dos riscos e ações no sentido de minimizá-los (SILVA, 2009).

Diversos estudos vêm mostrando a importância e necessidade de implantação de Programas de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), visando minimizar os acidentes no trabalho e as doenças ocupacionais, uma vez que estes programas visam adaptar o trabalhador ao seu posto de trabalho, envolvendo situações pertinentes ao desenvolvimento das atividades, isto é não somente o ambiente físico, mas todos os aspectos de organização, controle e produção de resultados (LIMONGI-FRANÇA, 2009; COUTINHO; MAXIMIANO, 2010).

É preciso considerar que com boa saúde o indivíduo produz mais e, por meio de seu trabalho, gera mais riquezas; estas, distribuídas com justiça, aumentam o padrão de vida de toda a sociedade. A saúde é fator de desenvolvimento social, gerador de bem-estar para toda a população.

Segundo Spinelli (2011), o trabalhador que fica exposto a ambientes insalubres, onde agentes químicos, físicos ou biológicos imperam, estão mais propensos a desenvolverem doenças que, futuramente, podem incapacitá-lo para o trabalho. Este autor faz um resumo dos principais agentes de riscos no ambiente laboral:



**Quadro 2 – Agentes de risco**

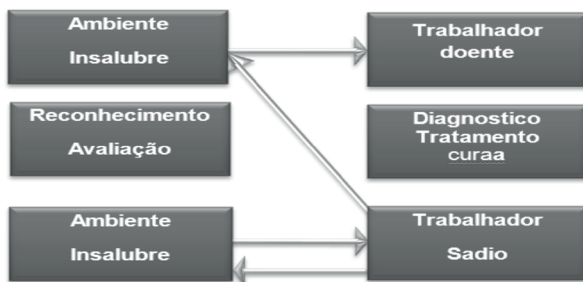
TIPOS	QUÍMICOS	FÍSICO	BIOLÓGICO	ERGONÔMICO
AGENTES	Os diversos agentes químicos que podem poluir um local de trabalho e entrar em contato com o organismo dos trabalhadores são: poeira, fumo, névoa, gases e vapores. Tais agentes podem apresentar uma ação localizada, ou serem distribuídos aos diferentes órgãos e tecidos, levados pelos fluidos internos, produzindo uma ação generalizada.	As atividades executadas em locais inadequados, capazes de produzir danos à saúde dos trabalhadores, são as desenvolvidas em locais que apresentam: umidade e ruídos. Estas situações são consideradas insalubres e devem ter a atenção dos prevenicionistas, por meio de verificações realizadas nesses locais para estudar a implantação de medida de controle.	Os riscos biológicos ocorrem por meio de micro-organismos que, em contato com o homem, podem provocar inúmeras doenças, dentre estas: tuberculose, brucelose, malária, febre amarela.	Situações de inadaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores como: desorganização do trabalho, Sobrecarga muscular, fadiga etc.

Fonte: Curso Técnico em Segurança do Trabalho (2008).

Spinelli (2011) entende que é de extrema importância tratar o ambiente para que se possam eliminar os agentes o tornam insalubre, mas, para tanto, se faz necessário identificar os tipos de agentes nocivos, bem como os riscos para a saúde e quais devem ser as medidas a serem tomadas.

O autor citado esquematiza a relação: trabalhador x ambiente da seguinte forma:

**Figura 1 – Agentes de risco**



Fonte: Adaptado de Spinelli (2011).

Portanto, faz-se necessário reconhecer os riscos e implementar as medidas de controle, a fim de eliminá-los, neutralizá-los ou reduzi-los, visando a garantia da segurança e qualidade de vida no trabalho, sendo que o mapeamento de riscos deve ser feito por meio de programas específicos (ZARPELON; DANTAS; LEME, 2008).

Além das de QVT que visam garantir um ambiente profissional seguro e com melhor qualidade de vida, a legislação brasileira que trata da segurança e da saúde no trabalho estabeleceu a obrigatoriedade das empresas elaborarem e implementarem o Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA) e o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO).

Lima Jr., Valcárcel e Dias (2005) enfatizam que além da interface com o PPRA e o PCMSO, as empresas precisam contemplar em seus programas a análise ergonômica dos postos de trabalho de acordo com a Norma Regulamentadora n° 17, pois

além do reconhecimento de riscos causadores de doenças ocupacionais (riscos físicos, químicos e biológicos), devem-se considerar as condições de trabalho em função dos fatores ambientais.

Os autores explicam que o PPRA, cuja obrigatoriedade foi estabelecida pela Norma Regulamentadora nº 9 da portaria 3.214/78, com caráter multidisciplinar, considerado essencialmente um programa de higiene ocupacional que deve ser implementado na empresa de forma articulada com um programa médico, o Programa de Controle Médico e Saúde Ocupacional (PCMSO).

Dessa forma, todas as empresas, independente do quantitativo de empregados e do grau de riscos exposto das suas atividades, estão obrigadas a elaborar e implementar o PPRA, objetivando a prevenção e o controle da exposição ocupacional aos riscos ambientais, quer dizer, definir uma metodologia de ação, garantindo a preservação da saúde e integridade dos trabalhadores face aos riscos existentes nos ambientes de trabalho (LIMA JR.; VALCÁRCEL; DIAS, 2005). O PCMAT exige que:

[...] se leve em conta o comprometimento da alta direção da empresa com o programa, através do estabelecimento de políticas de Segurança e Saúde, de análise criteriosa da antecipação e reconhecimento dos riscos e do perfil da mão de obra, abordando questões como o nível de conhecimento do trabalhador na área de SST, os hábitos, costumes locais e a escolaridade. (DIAS, 2005, p. 24).

Viana e outros autores (2008) sinalizam, também, que existem cuidados que minimizam os acidentes no trabalho e doenças ocupacionais, como a utilização de Equipamento de Proteção Individual (EPI) que representa uma maneira correta de o profissional garantir sua proteção e, conseqüentemente, sua saúde.

Os estudos vêm mostrando a necessidade de cuidados pautados nas estratégias de segurança no trabalho, visando minimizar os acidentes e as doenças ocupacionais, uma vez que ela visa conscientizar os trabalhadores da importância de um

ambiente seguro, principalmente, como diz Farias (2009), na adoção de medidas de proteção à saúde e qualidade de vida do trabalhador.

Para Chiavenato (2013), um ambiente seguro e agradável de trabalho pode melhorar os relacionamentos e a produtividade, bem como reduzir os riscos de acidentes, doenças, absenteísmo e rotatividade do pessoal. Fazer do ambiente de trabalho um local agradável tornou-se uma verdadeira meta para as empresas bem-sucedidas.

Um ambiente de trabalho agradável é aquele que se preocupa com a saúde e o bem-estar dos trabalhadores por meio da valorização do ser humano, a criação de oportunidades de desenvolvimento, proporcionando suas capacidades e potencialidades, devendo esse ser o objetivo de qualquer organização, a fim de proporcionar uma qualidade de vida aos seus trabalhadores (MORAES, 2010).

A literatura sugere alguns procedimentos para a minimização dos acidentes de trabalho e doenças ocupacionais e melhoria da QVT. Primeiramente, é importante a prevenção e a atenção dos riscos ocupacionais, que constituem um grande desafio para as empresas, visto que, os critérios para combatê-lo deverão ser organizacionais e pessoais. Essas instituições precisam intervir na origem do problema, o que muitas vezes implica a necessidade de mudanças no local de trabalho e reflexão profunda sobre o bem-estar dos trabalhadores. Para tanto, acredita-se que o ideal é conhecer o mecanismo dos riscos ocupacionais e prevenir seu efeito excessivo ou insalubre. Por isto, é importante ater-se pelo menos à prevenção e convivência com os riscos e investimentos em programas de QVT.

Frente ao exposto, é importante possibilitar o melhor ambiente de trabalho possível e preocupar-se com a saúde e o bem-estar dos trabalhadores como parte integrante das preocupações das organizações. A valorização do ser humano, a criação de oportunidades de desenvolvimento, ambiente de trabalho adequado deve proporcionar suas capacidades e potencialidades, devendo esse ser o objetivo de qualquer organização, a fim de proporcionar uma qualidade de vida a seus colaboradores.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura mostra que, as transformações ocorridas no cenário organizacional geram uma série de situações, atividades e fatores potencialmente danosos aos profissionais, os quais podem produzir alterações leves, moderadas ou graves na qualidade de vida, como também causar acidentes de trabalho e/ou doenças ocupacionais nos indivíduos a eles expostos.

As estatísticas indicam que cresce o número de trabalhadores com doenças ocupacionais, e isto tem despertado a atenção de pesquisadores preocupados com questões relativas à saúde e ao trabalho devido ao custo e o impacto na qualidade de vida dos trabalhadores, aspectos que devem ser analisados constantemente por todos aqueles que se preocupam com a saúde e a segurança dos trabalhadores.

Em decorrência disso, diversos estudos vêm mostrando a necessidade de cuidados pautados na segurança por meio de ações e programas de QVT, visando minimizar os acidentes no trabalho e as doenças ocupacionais, uma vez que estes visam adaptar o trabalhador ao seu posto de trabalho, envolvendo situações pertinentes ao desenvolvimento das atividades, isto é não somente o ambiente físico, mas todos os aspectos de organização, controle e produção de resultados.

É importante acrescentar que muitas empresas concebem a segurança no trabalho como custo. Todavia, os investimentos na área de segurança do trabalho são compensados pelos ganhos de produtividade dos empregados, melhores condições de trabalho e segurança para os funcionários, o que é convertido em uma maior competitividade da empresa no mercado.

Ao contrário, a falta de segurança no trabalho é capaz de desestabilizar o trabalhador, podendo conduzi-lo a problemas de saúde, mental ou físico, mas quando existe uma luta contra essa falta de segurança, no sentido de enfrentamento dos riscos e pressões do trabalho, o local de trabalho pode ser transformado em um ambiente seguro e satisfatório.

Este estudo não pretendeu fornecer uma conclusão definitiva acerca das ações de QVT como estratégia de segurança do trabalho; mas, despertar uma reflexão sobre a importância das intervenções e melhoria de qualidade de vida no trabalho. Até porque, o tema é amplo e comporta uma análise multidisciplinar; por conta disso, representa uma contribuição significativa para futuras pesquisas do tema, buscando-se aprofundar os conceitos e as análises aqui empreendidas.

### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. B. de *et al.* **Análise ergonômica do setor de prensagem para a produção de solados em uma empresa calçadista da cidade de Franca-SP.** *Investigação*. 10:69-73, 2010.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas.** São Paulo: Campus, 2013.
- COUTINHO, Maria Lúcia Granja; MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru; LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Implantação de programas de qualidade de vida no trabalho com o modelo de gestão de projetos.** *Revista Gestão e Projetos – GeP*, v. n.1, São Paulo, jan./jun. 2010. p.171-187.
- CUNHA, A. *et al.* **Os acidentes do trabalho do sacrifício do trabalho à prevenção e à reparação.** São Paulo: LTR; 2012.
- COUTO, Hudson de Araújo. **Ergonomia aplicada ao trabalho: o manual técnico da máquina humana.** Belo Horizonte: Ergo, 2010.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 2012.

DIAS, José de Aguiar. **Saúde e segurança no trabalho**. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

GERSON, B. W. **Os caminhos da qualidade**. São Paulo: SENAC, 2006.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produção**. São Paulo: Edgard Blücher, 2010.

LIMA, C.; DIAS, T.; VALCÁRCEL, A. Enfrentando o desafio. Proteção. **Revista Mensal de Saúde e Segurança do Trabalho**, 141.ed., 2005. p.77-80.

LIMONGI-FRANÇA, A. C. **Qualidade de vida no trabalho – QVT: conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Atlas, 2009.

NERI, A.L. **Saúde e qualidade de vida**. Campinas/SP: Papirus, 2009.

MORAES, Anamaria de. **Ergonomia: conceitos e aplicações**. Rio de Janeiro: ZAB, 2010.

OLIVEIRA, Sebastião Geraldo de. **Proteção jurídica à saúde do trabalhador**. São Paulo: Editora LTr, 2010.

PALLADINI, Edson Pacheco. **Gestão da qualidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, T. M. **Avaliação e controle dos riscos ambientais**. São Paulo: Ltr, 2009.

SPECTOR, Paul E. **Psicologia nas organizações**. São Paulo: Saraiva, 2010.

SPINELLI, V.T. **Qualidade de vida no trabalho**. São Paulo: Saraiva, 2011,

VIANA, Juliana X *et al.* **Percepção dos Enfermeiros sobre a importância do uso dos EPI's para riscos biológicos em um serviço de atendimento móvel de urgência**. Revista O Mundo da Saúde, São Paulo, 2008.

ZARPELON D.; DANTAS, L.; LEME, R. **A NR-18 como instrumento de gestão de segurança, saúde, higiene do trabalho e qualidade de vida para os trabalhadores da indústria da construção**. São Paulo, 2008.

---

Recebido em: 21 de julho de 2015  
Avaliado em: 15 de outubro de 2015  
Aceito em: 15 de outubro de 2015

---